

Cinema de Arte

Acervo Digital
Walter
da Silveira
promoção
organização
direção
do

Clube de Cinema da Bahia

8 - maio - 1965

“A ESTRANHA MORTE DE BELLE”

(“ La mort de Belle ”)

Acervo Digital

Walter
da Silveira

FICHA TÉCNICA:

Realização	— Edouard Molinaro
Argumento original	— Georges Simenon
Adaptação e diálogos	— Jean Anouilh
Cenografia	— Robert Clavel
Música	— Georges Delerue
Interpretação	— J e a n Desailly (Blanchon), Alexandra Stewart (Belle), Monique Melinaud (Madame Blanchon), Jacques Monod (o juiz)
Produção	— François Chavane, 1960

Edouard Molinaro já tem uma carreira longa, embora integrante da *nouvelle vague*.

Entre 1949 e 1953, portanto dos vinte e um aos vinte e cinco anos (nasceu em maio de 1928), realizou uma vintena de curtas-metragens de natureza técnica e industrial, continuando nesse campo até 1957 com filmes de maior ambição, quando passou para a longa-metragem com «*Perversidade satânica*» («*Le dos au mur*»), um policial de bom estilo.

Desde então, não cessou de realizar cada ano pelo menos uma fita, destacando-se entre tôdas «*Um brôto para o verão*» («*Une fille pour l'été*»), em 1959, e «*A estranha morte de Belle*».

Apesar de não ser um autor tão pessoal quanto um François Truffaut ou um Jean-Luc Goddard, Molinaro é dos realizadores mais competentes da *nouvelle vague*. Suas *mises-en-scène* são sempre exatas e hábeis, pertencem a quem sabe, com muita justeza, narrar cinematograficamente.

Aqui, em «*La mort de Belle*», o ponto de partida é um romance de Georges Simenon, êsse belga que alçou a novela policial a um plano de dignidade literária, tornando-se um escritor francês, o mais fecundo de nosso tempo. Tantas vêzes já o cinema aproveitou suas estórias, mas a crítica é unânime em acompanhar Gilbert Salachas quando diz que «*La mort de Belle*» é até hoje a melhor adaptação cinematográfica de Simenon. («*Téléciné*», n. 96).

Segundo acrescenta Salachas, trata-se de um crime certamente, mas não — ou apenas — um enigma policial. Fiel ao romancista, o cineasta estudaria menos os fatos materiais (indícios, provas, impressões) do que as motivações psico-sociais dos personagens.

Teria feito, para Jean de Baroncelli («*Le monde*», março de 1961), com essa intriga cruel que aprisiona um homem tímido, entre as grades de uma educação calvinista e a lembrança do pai alcóolatra, um filme brilhante, que se deve muito à colaboração de Jean Anouilh no roteiro e nos diálogos, não teria tanta fluência se Molinaro não o conduzisse magistralmente.

Antes de tudo um *metteur-en-scène* — e *metteurs-en-scène* são sobretudo cineastas como Alfred Hitchcock ou John Ford, — Molinaro faz da técnica a sua virtude e seus planos, por menos originais, inscrevem-se nas cenas com uma aguda perfeição, componham-se de imagens fixas ou de movimento. Às vêzes, como em «*Arsène Lupin contra Arsène Lupin*», posterior a «*La mort de Belle*», Molinaro exerce o engenho criador como se brincasse com a *mise-en-scène*, valendo-se também da montagem para seus efeitos de surpresa.

Poderá dizer-se que êle não aspira senão o divertimento efêmero, ainda que oposto ao banal.

Mas, quantos cineastas no mundo aspiram além dêsse instante fugaz?

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMO PROGRAMA:

Dia 15 de maio — «**História de um amor**» («Les grandes personnes»), de Jean Valère.